

RE ENHA

POR QUE “LITERATURA COMO REMÉDIO”? ACERTOS E DESACERTOS AO “INSTRUMENTALIZAR-SE” A LITERATURA

Tatiana PICCARDI¹

GALLIAN, Dante. *A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma*. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2017.

O que primeiro chama nossa atenção para o livro de Dante Gallian é a relação que estabelece, a partir do próprio título, entre literatura e medicina, ou, de modo mais amplo, entre linguagem e práticas de saúde. Apenas isso é o suficiente para colocar o livro em destaque, recomendando-se sua leitura. E por que seria suficiente? Em primeiro lugar, porque a aproximação entre áreas do conhecimento é cada vez mais bem-vinda em nosso tempo, em que se reconhece a complexidade das relações que permeiam a vida social e se exigem novas formas de buscar e construir conhecimento. Em segundo lugar, porque o livro mostra que a literatura clássica está mais próxima de nós do que se imagina, contribuindo para minimizar a ideia ainda muito dominante: a de que a literatura clássica seria um universo exclusivo para letrados.

Outro aspecto muito positivo: o livro teoriza a partir da experiência vivida. A obra é o relato de experiência desenvolvida originalmente em uma escola de medicina: o Laboratório de Leitura criado pelo autor, na Unifesp (em São Paulo), para os alunos da Medicina, a fim de discutir coletivamente obras clássicas da literatura universal. O efeito “humanizador” e “terapêutico” dos encontros, relatado pelos próprios participantes no final do livro, tornou-se em

¹ Doutora em Letras, professora na área de estudos da linguagem do IFSP-SPO (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Câmpus São Paulo), pesquisadora do GENAM-USP (Grupo de Estudos e Pesquisa Literatura, Narrativa e Medicina da USP), cofundadora da AHPAS (Associação Helena Piccardi de Andrade Silva, instituição de apoio a crianças e adolescentes em tratamento de câncer). Endereço eletrônico: < tatiana.piccardi@ifsp.edu.br >

si mesmo objeto de estudos. Tal fato corrobora um fenômeno atual de suma importância nos meios acadêmicos e científicos: a valorização das narrativas como construtoras de conhecimento, atestando a gradual falência da dicotomia rigorosa entre argumentação e narração, segundo a qual apenas a primeira estrutura textual seria base segura para a construção da ciência. Gallian alinha-se, assim, a uma ruptura epistemológica em curso que eleva a narrativa ao lugar de produção de saberes valiosos. E faz isso também, como historiador que é, ao optar por incluir na obra a própria história de criação do Laboratório de Leitura (LabLei). Contar essa história é importante para entender o que o autor chama de poder humanizador da literatura.

A criação do LabLei insere-se no contexto das discussões sobre humanização hospitalar e, de modo geral, sobre humanização na Saúde. Gallian participou de perto das discussões e constatou o que denominou de “equivoco antropológico”, ou seja, a insistência no uso de técnicas para o treinamento de habilidades e competências que tornariam o profissional de saúde mais “humano”. Os resultados, sabe-se, têm sido pífios. O contato com os clássicos, ao contrário, teria começado a mostrar resultados diferentes. Para um profissional de Letras, no entanto, a ideia de se “usar” a literatura com fins de humanização se mostra simplista. Ao criticar o “equivoco antropológico”, Gallian acaba por implicar dois outros equívocos: (i) o de que a literatura seria também, de algum modo, um instrumento de capacitação, ainda que mais complexo; e (ii) o de que o termo “humanização” e correlatos teriam um sentido óbvio e transparente. Assim, permanecem sem resposta na obra, ou com resposta insuficiente, questões como: o que é, afinal, “humanização”? O que é ser um profissional de saúde “mais humano”? É possível instrumentalizar a literatura, considerando-se que literatura é linguagem e a linguagem é parte constitutiva do ser humano? Em que medida a leitura dos clássicos e sua discussão em grupo tornariam certo sujeito “melhor”, mais “humano?”.

Na página 50, temos o que pode ser considerada uma breve definição: a noção de humanização é entendida “[...] enquanto ampliação da esfera da presença do ser”. Outros termos de explicação complexa são “redescoberta do humano” ou “resgate do humano”, que aparecem algumas vezes, e que ficam em aberto, ou ao menos sem explicação consistente: “[...] o Laboratório de Leitura desponta como um remédio possível ao apontar o caminho da saúde pela humanização; pelas redescobertas e resgate do humano através da literatura”(p. 57).

Apesar do entendimento pouco claro do que sejam “humanização” e “humano” e da visão simplista de linguagem, a obra tem o valor de lembrar, em um bom resumo feito no Capítulo II, a história de transformação do entendimento que se tem sobre literatura e sua função central, desde a Antiguidade. A partir deste capítulo é possível se observar que o próprio autor, durante a elaboração da obra, aprofunda sua visão sobre linguagem. Ao discorrer sobre a importância e a função da literatura, reconhece a indissociabilidade entre produção de conhecimento e linguagem, ao observar que o conhecimento se produz nela e por ela. A literatura seria, assim, importante forma de produção de conhecimento pela linguagem que foi desvalorizada com o advento da Modernidade. Segundo Gallian, de função pedagógica e modelar, elemento estruturador central do conhecimento do mundo e da formação do homem, a literatura cedeu lugar à ciência, que passou a ser o lugar de produção de conhecimento “sério”. E isto teria ocorrido não sem graves consequências:

A Modernidade, ao substituir o fundamento da visão e do conhecimento do mundo e do homem de perspectiva essencialmente mítico-narrativa para outra de cunho intelectual-conceitual, impôs um léxico que, como apontava Bergson, possibilita dominar (ilusoriamente, diga-se de passagem) a vida, mas falha no desafio de desposá-la. E assim, sem as palavras adequadas para traduzir e expressar o que sentimos, sem termos que nos ajudem a perceber e a nomear nossos assombros, êxtases e perplexidades frente ao movimento da vida, vamos todos adoecendo e nos desumanizando. (p. 74).

Para melhor se compreender o significado do livro de Dante Gallian, importa acrescentar que a obra nasce no contexto do surgimento do que se denomina hoje Medicina Narrativa. Trata-se de novo ramo, ou talvez abordagem, da medicina, que, atenta à ruptura epistemológica mencionada acima, prioriza como determinantes para a produção do saber médico, em primeiro lugar, a inter e multidisciplinaridade; e, em segundo lugar, a narrativa como forma de linguagem primordial para construção desse saber. Precusores dessa abordagem são os acadêmicos Brian Hurwitz (King’s College London) e Rita Charon (Columbia University). Outro expoente na área é Arthur Frank, cujo livro *The Wounded Story Teller* (1995) tornou-se uma espécie de manual para

profissionais da saúde com formação em humanidades. No Brasil, o Centro de História e Filosofia das Ciências da Saúde, ligado à Escola Paulista de Medicina/Unifesp, onde atua o historiador, professor e pesquisador Dante Gallian, tem desenvolvido pesquisas afins. Na USP, por iniciativa da professora e pesquisadora Fabiana Carelli, da Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, e do médico e professor Carlos Eduardo Pompílio, da Faculdade de Medicina, criou-se o Grupo de Estudos e Pesquisa Literatura, Medicina e Narrativa (GENAM). Das iniciativas conhecidas, o GENAM talvez seja uma das únicas que parte de uma visão de narrativa como fenômeno constitutivo do ser humano, portanto, impossível de ser separada do sujeito que enuncia. Dessa perspectiva, “humanizar” pela Literatura, independentemente do sentido que se atribua à palavra “humanizar”, surge como contrassenso, já que a literatura é humana, e o homem é por essência literário, ou narrativo.

Provavelmente, outras iniciativas ocorrem pelo Brasil, das quais não se tem um conhecimento acessível. Por tratar-se de uma área em formação, entende-se que uma estruturação formal das iniciativas dentro do que se tem chamado Medicina Narrativa está por ser construída. Em comum, tais iniciativas têm na linguagem seu foco de atenção. E na literatura, entendida como forma de expressão linguística de excelência, seu maior campo de exploração, com vistas ao bem-estar de pacientes e à melhora qualitativa das relações no campo da saúde.

Buscando o diálogo dentro e fora do Brasil, pesquisadores brasileiros como os aqui mencionados mantêm há alguns anos produtiva interlocução com o Centro de Estudos Anglisticos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CEAUL/FLUL), que é a sede do Projecto Medicina e Narrativa em território português. O CEAUL, assim como o King’s College em Londres, tornaram-se importantes centros de discussão sobre o tema e mantêm significativos acervos em suas Bibliotecas, com obras centrais dos pesquisadores que trabalham as relações entre medicina, linguagem, literatura, narrativa.

Para o profissional e estudante de Letras, a Medicina Narrativa e abordagens ou iniciativas decorrentes representam uma ampliação dos horizontes de pesquisa e trabalho. A experiência do LabLei, em particular, pode influenciar positivamente o trabalho do professor no ensino de literatura em todos os níveis escolares, do fundamental ao superior, na medida em que retoma a centralidade do aprendizado individual que o sujeito leitor tira da obra, em detrimento do caráter

intelectualista que em geral permeia o estudo de obras literárias na escola, que dá forte ênfase à ampliação do repertório cultural.

Salvando raríssimas exceções, o ensino das artes e da literatura continua sendo realizado no modelo tradicional, numa perspectiva centrada no conteúdo e na abordagem intelectualista. As obras literárias continuam a ser lidas e interpretadas como exemplos ilustrativos de determinadas escolas ou movimentos artísticos e ideológicos que se sucedem na história e não como histórias ou narrativas em si, capazes de emocionar e despertar questionamentos sobre atitudes e valores humanos.(p. 79).

No LabLei, o leitor é convidado a assumir a postura do “leitor feliz”, conforme denominação utilizada por Bachelard, em seu *A Poética do Espaço* (1984), em tradução brasileira de Moura Ramos, segundo a qual a entrada na obra se dá como puro prazer de usufruir, brincar, aventurar-se, inclusive nos desafios de uma linguagem às vezes difícil. Essa postura implica a realização de uma leitura livre e autêntica, o que leva à realização da segunda etapa da metodologia do LabLei: o compartilhamento do que o autor chama de “Histórias de Leitura”.

Depois de terem sido instigados a fazerem a “leitura feliz” da obra proposta, cabe então dar a oportunidade de que esses leitores contem, de maneira simples, franca, aberta, as histórias de suas leituras: Como leram? Gostaram? Foi difícil ou fácil; agradável ou desagradável? Quais afetos, sentimentos, ideias, questionamentos ou reflexões surgiram durante a leitura? Foi uma experiência interessante, reveladora, instigante ou árida, enfadonha, desesperadora? (pp. 100-101).

O resultado tende a ser o de uma experiência estética que afeta o sujeito e sua visão sobre si mesmo e o mundo. E é nesse movimento subjetivo que residiria o processo do que o autor chama de humanização.

É no Capítulo IV, em que são compartilhadas narrativas das experiências vividas por participantes do LabLei, que se tem uma visão mais clara do que se pode entender por humanização:

Aquilo que, por força dos referenciais teóricos, em consonância com o léxico acadêmico, insisto em chamar de humanização, a grande maioria dos participantes do Laboratório chama de terapia. (p. 193).

É possível, assim, estabelecer um paralelo entre “humanizar” e “curar”, ambos pela via da literatura. O que é também uma relação bastante complexa e difícil de explicar. De qualquer modo, os efeitos terapêuticos promovidos pelo LabLei não podem ser negados. Sintetizando os efeitos do LabLei, nos diz o autor:

Configura-se aqui então, de forma emblemática, o processo clássico de humanização, onde a experiência estética, desencadeando a reflexão, conduz a uma reconfiguração ética, realizada no plano da prática, da ação. (p. 196).

Esta citação nos remete a Ricoeur, em *Tempo e Narrativa* (2010), em cuja introdução Hélio S. Gentil nos diz, antecipando as palavras de Ricoeur, que “As obras de linguagem, em particular as narrativas, revelam-se mediadoras entre um ponto de partida e um ponto de chegada, entre uma determinada configuração do mundo e outra”. Depreende-se assim que tanto autor como leitor não são mais os mesmos após a experiência estética propiciada pela literatura, seja clássica ou não. E aqui parece residir uma provável explicação de caráter linguístico-literário para os efeitos terapêuticos do LabLei.

Ricoeur considera a produção do texto literário processo concreto pelo qual a escrita do texto é a configuração de um estado de coisas conduzida pelo autor, que faz a mediação entre a prefiguração do campo prático e sua refiguração pela recepção da obra. Assim, poeta, leitor e contexto de produção fazem parte da obra poética. A prefiguração do campo prático se refere aos elementos disponíveis que estão lá à espera para compor a intriga; a refiguração desse campo

prático refere-se ao leitor e sua função de interpretar a obra e, assim, “mudar seu agir”; e a mediação é a ação do poeta, que implica a passagem do campo prefigurado para outro reconfigurado, por meio do processo de configuração, que é a construção da obra em si. O poeta é aquele que tem o poder de configuração; o leitor tem o poder de refigurar. E o refigurar, no contexto do LabLei, dá-se como um refigurar terapêutico.

Para Ricoeur, o leitor e sua experiência estética são fundamentais para compor o todo da obra. Assim é que a literatura não pode ser vista de modo exteriorizado, ou seja, como algo externo ao sujeito que lê. O que nos falta, enquanto leitores sempre apressados e/ou interessados apenas em ler para dar conta de alguma tarefa prática, talvez seja incorporar o “leitor feliz”, realizando a função de refigurar de modo mais livre e autêntico. Se a este maravilhoso processo – leitura de obras literárias – e a seus efeitos chamarmos de “humanização”, ou de “terapia”, talvez pouco importe. Certamente pouco importa para o leitor comum, visto a aceitação que obras como a de Dante Gallian têm junto a um público cada vez mais amplo e diversificado.

Envio: Junho de 2019

Aceito: Junho de 2019